

GAME CHANGER

VIRAR O JOGO



RACHEL REID

OTHER
SIDE





AVISOS
DE
CONTEÚDO

Bullying

Conteúdo sexual

Discriminação

Homofobia

Linguagem explícita

*Este livro é para todas as pessoas que me
encorajaram a publicar esta história e
especialmente para o Matt, que me apoia sempre
com todo o seu coração. E também para o modelo
da Gap que foi a minha referência para o Kip.*

Capítulo Um



Terça-feira, 14 de janeiro, foi o dia em que Kip Grady percebeu que liquidificadores barulhentos e ressacas não combinavam.

Ele não contava beber tanto na noite anterior, mas Chuck e Jimmy tinham estado na cidade e ele não via aqueles tipos há meses. Não era como se ele tivesse ficado completamente *podre de bêbedo*. Estava ciente de que precisava de estar no trabalho às seis da manhã do dia seguinte, mas ainda assim conseguiu beber o suficiente para tornar os liquidificadores potentes em inimigos mortais.

Mas tinha um trabalho a fazer. E esse trabalho era preparar o melhor smoothie que conseguisse para a mulher de aparência atarefada que esperava ao balcão.

— Aqui tem, minha senhora. — Kip tentou não esboçar uma careta enquanto entregava o pedido à cliente. — Um smoothie Green Warrior com um shot de erva-de-trigo.

Lançou um olhar ao relógio. Seis e meia. Jesus.

Não havia tempo para encostar a cabeça à convidativa pilha de laranjas que estava no balcão. A azáfama das manhãs durante os dias de semana no Straw+Berry costumava ser constante até às nove. Maria estava a trabalhar com ele naquela manhã, o que era bom. Trabalhavam bem juntos, porque, embora nenhum deles estivesse particularmente interessado neste emprego, levavam o trabalho a sério e faziam tudo o que era suposto. Além disso, ela era divertida.

— Qual destes malditos smoothies cura uma ressaca? — gemeu Kip quando a loja ficou vazia por um breve momento.

— Hum, nenhum. Mas, alegadamente, o de melancia.

— Okay. Vou fazer um gigante de melancia para mim com, tipo, cinco Advils atirados lá para dentro.

— Acho que queres dizer cinco «reforços de bem-estar».

Kip acabou por fazer um smoothie gigante de melancia e, de facto, sentiu-se um pouco melhor depois de o beber. Tomou *dois* Advils.

— Então, o que fizeste ontem à noite, afinal? — perguntou Maria.

— Oh, só saí com uns amigos da faculdade.

— Ai, sim? São giros?

— Não. Não sei. Não são o meu tipo.

Chuck era grande, corpulento e barbudo. Jimmy era o completo oposto: baixo, magro e parecia ser cerca de sete anos mais novo do que realmente era.

— Eles também são baristas super bem-sucedidos em bares de sumos?

— *Eles* têm empregos na área deles. Trabalham em Boston. Negócios... qualquer coisa? Seguros? Finanças? Não faço ideia. Vestem fatos para ir trabalhar.

— Tu usas um avental. Isso é fixe.

— Sim, tenho muito orgulho nisso.

— E um boné de pala com um moranguinho bordado. Vá lá!

Kip atirou-lhe com um pedaço de ananás congelado.

— Olha, Kipper. Vou ser simpática e tratar de todo o trabalho de preparação lá atrás esta manhã para que possas descansar a tua cabecinha bonita quando as horas de maior movimento passarem.

— A sério?

— Sim!

— És a melhor e eu adoro-te — suspirou ele, feliz.

— Eu sei. Agora, põe-te bem! Estão a chegar mulheres de negócios e elas querem couve liquefeita!

Foi mais uma hora de correria constante antes de Kip finalmente conseguir aproveitar o sossego que Maria lhe prometera. Ela foi para a cozinha cortar fruta e legumes, e ele deixou-se cair numa cadeira que tinha arrastado para trás do balcão e encostou a cara à parede. Era uma parede agradável e fresca.

Nem se tinha apercebido de que tinha fechado os olhos até se assustar com alguém a aclarar a garganta. Não de forma agressiva. Apenas o suficiente para ele perceber que estava ali alguém.

Kip abriu os olhos e levantou-se rapidamente.

— Desculpe, senhor — gaguejou. — O que de...?

A boca de Kip pode ter ficado aberta como a de uma personagem de desenho animado. Possivelmente o seu maxilar estava no chão, e a língua pode ter-lhe saído da boca como uma carrete a ser desenrolada. Acontece que *o homem mais bonito que ele alguma vez vira* estava mesmo à sua frente.

— Hum, o que deseja? — conseguiu dizer.

O homem era alto, loiro e, bem, *musculado*. E Kip *sabia* que ele era musculado porque vestia um daqueles casacos de fecho da Under Armour ridiculamente justos e umas calças de fato de treino. Devia ter acabado de correr, a julgar pelo cabelo húmido colado à testa e pela pele a brilhar com o suor.

— Bom dia — cumprimentou o homem suado, alegremente. — Desculpe tê-lo acordado.

As faces de Kip coraram. Ele inclinou um pouco a cabeça para que a pala do boné estúpido o escondesse.

Deus, o homem mais lindo do mundo está à minha frente e eu estou a usar um avental e um boné com um morango.

— Tu não... Eu não... — Kip respirou fundo. *Controla-te!* — Desculpe. Diverti-me um bocadinho demais ontem à noite.

O homem ergueu uma sobrancelha.

— Numa segunda-feira à noite?

— Pois, bem, sabe como é a vida de um fazedor de smoothies... vive rápido, morre jovem, certo?

O homem riu-se. Kip quase perdeu o equilíbrio.

— Então, o que é bom aqui? — perguntou ele, semicerrando os olhos para ler o menu.

— Hum, há um com mirtilos, ananás e couve... mas não se nota o sabor da couve, juro! É bom. Eu gosto.

— Esse será o... Blue Moon Over Brooklyn?

— Sim. Todos os nomes aqui são meio parvos.

O homem apontou com um dedo comprido para o crachá de Kip.

— Gosto do *teu* nome.

Kip olhou para o próprio crachá, como se não soubesse o que lá estava escrito. Como um idiota.

— É... tipo, uma alcunha — explicou, como se o homem bonito lhe tivesse pedido mais informações. O que não tinha acontecido. Mas Kip

continuou a falar, porque era sempre isso que fazia. — Quero dizer, toda a gente me trata por Kip. Por isso *é* o meu nome. Mas não, tipo, o meu nome *verdadeiro*. É, hum... enfim. Quer um desses smoothies de mirtilo?

— Parece-me bem — disse o homem, ignorando educadamente o quão estúpido Kip estava a ser.

Kip começou a preparar a bebida, enchendo o liquidificador com várias frutas congeladas e couve fresca. Felizmente, a tarefa exigia concentração e, além disso, a máquina fazia barulho suficiente para que ele não conseguisse falar e ser ouvido. Olhou de soslaio para o homem, que agora estava com as mãos na cintura enquanto observava as fotografias pouco inspiradoras de fruta que decoravam o pequeno espaço. Os olhos de Kip não sabiam para onde olhar, saltando rapidamente dos ombros largos para os braços enormes, para as costas musculadas que se transformavam numa cintura esguia, seguindo até um rabo que, francamente, era simplesmente...

Kip abanou a cabeça e desligou o liquidificador. Atrapalhado, procurou um copo de plástico e encheu-o com o smoothie azul.

— Aqui tem, senhor.

O homem virou-se, acenou e entregou a Kip uma nota de vinte dólares dobrada e ligeiramente húmida, tirada do bolso das calças de fato de treino. Acenou com a mão quando Kip tentou devolver-lhe o troco.

— É para ti.

— A sério? — perguntou Kip, observando-o a dar o primeiro gole, os lábios cor-de-rosa a envolverem a palhinha.

— Sim. — O homem sorriu. — Considera isto uma taxa de descoberta. Está delicioso.

Kip sorriu de volta.

— Fico contente que tenha gostado. Tenha um bom dia.

O homem brindou-o com o copo.

— Igualmente, Kip.

Kip sentiu-se um pouco eufórico ao ouvir o próprio nome sair daquela boca. Quando o seu homem de sonho saiu, outro, nada atraente, entrou na loja.

— Mas que raio! — exclamou o novo cliente, a apontar com o polegar para a porta. — Aquele era o Scott Hunter!

— Hã?

O homem olhou para Kip como se ele fosse muito estúpido.

— O Scott *Hunter*.



— Quer dizer, tipo, o jogador de hóquei? — perguntou Kip.

— *O quê?* — veio uma voz atrás dele. Maria estava na ombreira da porta que dava para as traseiras. — Eu perdi mesmo o Scott Hunter?

— Não acho que... Acha mesmo que era ele? — perguntou Kip.

O cliente acenou com a cabeça.

— Oh, sim. Definitivamente. Admira-me que ele tenha aparecido por aqui, tendo em conta o seu desempenho no gelo ultimamente.

— Ele não tem jogado bem? — Kip até tinha *alguma* noção de quem era Scott Hunter, claro... toda a gente sabia, fã de desporto ou não.

Ele era o centro estrela e capitão da equipa dos New York Admirals. Há três anos, tinha levado a equipa dos EUA à medalha de ouro olímpica. Mas Kip conhecia-o sobretudo pelos anúncios da Hugo Boss. Era um grande fã desses anúncios.

Kip gostava de hóquei, mas não tinha acompanhado a NHL muito de perto. Pelo que sabia, Scott Hunter sempre fora celebrado e adorado naquela cidade. O Rei de Nova Iorque, na verdade. Mas, aparentemente, Kip tinha perdido alguma coisa.

— Sim, ele tem estado horrível esta época — continuou o cliente. — Não marca um golo desde novembro! Não sei para que é que lhe pagam tanto dinheiro. Deviam trocar este inútil.

— Bem... — começou Kip, sem saber bem como reagir. Era ridículo, mas sentiu-se pessoalmente ofendido pelas críticas daquele tipo, e sentiu-se compelido a defender Scott Hunter. — Talvez ele só esteja a passar por uma má fase.

O cliente riu-se.

— Ele pode passar por isso no verão. Não vamos chegar aos playoffs este ano se ele continuar assim.

Kip ainda se sentia inexplicavelmente irritado, mas encolheu os ombros e entregou o smoothie ao homem para que ele se fosse embora.

Quando ficaram sozinhos novamente, Maria disse:

— O Scott Hunter esteve mesmo aqui?

— Não sei. Talvez. Quer dizer, agora que aquele tipo o mencionou, acho que só podia ser ele. Eu estava um bocado distraído com o facto de ele ser tão giro, mas sim, parecia mesmo o Hunter. E, hum, deu-me uma gorjeta enorme.

— Quão enorme? Sabes que temos de dividir, não é?

— Sim, sim, eu sei. Foi, tipo, treze dólares!

— *O quê?*

— Bem, se *era* o Hunter, isto provavelmente não é nada, certo? Ele nem deve ligar ao dinheiro.

— Deve ser fixe.

— Sim.

— Entããã — começou Maria, inclinando-se para o espaço pessoal de Kip —, ele era atraente?

— Oh, meu Deus. — Kip sorriu. — Era *vulcânico*. Nem sequer parecia real.

— O que é que ele trazia vestido?

— Roupa de treino. Devia ter acabado de correr, acho eu. Roupa de treino *mesmo* justa.

— Oh, meu Deus.

— Yup.

— Não posso acreditar que perdi isto. Se ele voltar, tens de me avisar. Mesmo que eu esteja na *casa de banho*, simplesmente vai lá chamar-me!

— Claro, isso não vai ser nada estranho.

Maria começou a guardar a fruta e os legumes acabados de cortar nos frigoríficos. Kip ajudou-a. Trabalharam em silêncio durante alguns minutos.

— Sabes — disse Kip —, ele disse o meu nome.

— Quem? O Hunter? Ele disse mesmo a palavra «Kip»?

— Sim — disse Kip, sonhador.

— Deus, aposto que quando *ele* o diz nem sequer soa estúpido.

Kip atirou-lhe com um morango.



Na manhã seguinte, Kip viu a manchete no comboio: *Noite do Hunter!* Ele inclinou-se um pouco para ler a primeira página do jornal do passageiro sentado à sua frente. Aparentemente, Hunter tinha marcado um hat-trick na noite anterior e feito duas assistências no jogo que acabou 7-1 contra Washington. Kip sorriu. Sentiu-se estranhamente orgulhoso dele.

Pois, muito fixe que a superestrela milionária tenha tido uma boa noite. Credo.

O jornal dizia que os Admirals iam jogar em Nova Jersey nessa noite. Enquanto Kip caminhava os dois quarteirões da estação de comboios até ao Straw+Berry, pensou na última vez que tinha ido a um jogo dos Admirals. Devia ter sido há pelo menos oito anos. Não, mais, porque nunca tinha visto Hunter jogar pessoalmente, apenas na televisão.

Meu Deus, agora vou andar a pensar no Scott Hunter o tempo todo?

Bocejou enquanto tirava a chave e destrancava a porta da loja. Precisava de arranjar um trabalho com uma hora de entrada mais tardia. Levantar-se antes das cinco para estar no trabalho antes das seis era ridículo. Especialmente quando recebia o salário mínimo.

Aquela manhã correu como os outros dias de semana: movimento constante das sete às nove, e depois um pouco de calma antes de as clientes que Maria apelidara de «mães do yoga» começarem a aparecer aos poucos.

— O teu namorado teve uma boa noite ontem — comentou Maria, enquanto reabastecia a tigela de laranjas.

— Mas de que raio estás a falar?

— Scott Hunter. Ele marcou tipo um milhão de golos ou lá o que foi.

— Três golos — corrigiu Kip — e fez duas assistências.

— Oh, desculpa lá. Não sabia que eras um fã tão hardcore.

— Não sou! Li o jornal no caminho para cá. É tipo uma grande notícia ou algo assim.

— Meu Deus! Estás completamente caidinho por ele! Foste para casa ontem à noite e fizeste uma pesquisa de imagens do Scott Hunter no Google, não fizeste?

— Não!

Sim.

— Tanto faz. És mesmo um fanboy. Tão fofo.

— Odeio-te.

— Não odeias nada.

Maria empilhava laranjas e, embora não estivesse tão sujo quanto isso, Kip varria o chão atrás do balcão. Odiava ficar parado sem fazer nada.

Um pouco depois das dez, a porta abriu-se e Kip voltou a dar de caras com Scott Hunter com a roupa de treino ensopada de suor.

Daquela vez, Maria estava lá para presenciar a cena.

— Porra.

Kip deu-lhe uma cotovelada discretamente.

— Bom dia outra vez, Kip — disse o homem que era definitivamente Scott Hunter.

— Bom dia, hum... *Jesus*. Tu és o Scott Hunter, certo?

Ele parecia divertido.

— Sou, sim.

— Isto é tão incrível — suspirou Maria.

— Pois é, hum... — começou Kip, depois mudou de assunto: — Ótimo jogo ontem à noite.

— Obrigado! Estava a pensar em pedir outro desses smoothies de mirtilo. Quando algo corre bem no meu jogo, gosto de tentar repetir o que fiz nesse dia.

— Certo — disse Kip. Os olhos de Scott eram azuis. Tão azuis.

— Então... outro smoothie de mirtilo, por favor.

— Certo! — Kip saiu do transe e começou a preparar o smoothie.

Scott Hunter estava, mais uma vez, com um casaco da Under Armour ridiculamente justo e calças de fato de treino. O cabelo estava húmido e des-penteado, e a pele, ligeiramente avermelhada do exercício. Kip Grady estava, mais uma vez, com um estúpido avental e um boné com um maldito morango. Mas pelo menos, daquela vez, não estava de ressaca.

Entregou o smoothie ao atleta-estrela e tentou não reparar demasiado na forma como os lábios dele envolviam a palhinha. Era difícil, porque Scott olhava *diretamente para ele* enquanto dava o primeiro gole. Os lábios de Scott curvaram-se ligeiramente quando reparou que Kip o observava.

— Obrigado outra vez, Kip — disse. — Espero ver-te no próximo dia de jogo.

Scott ergueu o copo do smoothie num gesto de despedida e saiu.

Quando Kip se virou para Maria, ela tinha a boca aberta.

— *Espero ver-te no próximo dia de jogo?* — repetiu. — *Estás a brincar comigo?*

— O quê?

— Ele está completamente interessado em ti, Grady!

Kip corou tanto quanto o morango no seu boné.

— Oh, vá lá. Não foi isso que ele quis dizer.

— Claro que não...

— Sabes que não foi! Ele é só supersticioso. Só quis dizer que espera que isto resulte e que tenha um grande jogo esta noite, para que volte no próximo dia de jogo! É só isso!

— Eu sei que, *à primeira vista*, foi isso que ele disse, idiota, mas não foi só isso que ele quis dizer.

— Ele nem sequer é... oh, meu Deus. Não posso acreditar que estou a falar disto. O Scott Hunter *não* gosta de gajos. E *definitivamente* não gosta de gajos que trabalham em lojas de smoothies.

— Se tu o dizes.

— Vou para a cozinha cortar o ananás — resmungou Kip.

— Mais vale certificares-te de que temos muitos mirtilos em stock — cantou Maria atrás dele.



Kip estava na sala de estar do apartamento do seu melhor amigo em Tribeca, a admirar a vista do rio Hudson. Nem sequer conseguia imaginar quanto custaria um lugar daqueles.

Viver na cidade de Nova Iorque era *caro*, mas Kip tinha uma estratégia impressionante que lhe permitia trabalhar num emprego de salário mínimo e ainda assim pagar as prestações do empréstimo pessoal para estudantes a tempo, todos os meses: ainda vivia com os pais.

Sim, tinha 25 anos. Sim, tinha terminado a universidade aos 22. Mas a questão era que os licenciados em História não eram propriamente disputados no mercado de trabalho.

Kip tinha sonhos. Aspirações. Queria trabalhar num dos museus. Talvez mais tarde trabalhar num na Europa. Talvez escrever um livro ou outro. Talvez apresentar um programa de televisão popular em que viajasse pelo mundo e mostrasse aos espectadores diferentes locais históricos importantes. Talvez ser consultor em filmes históricos em Hollywood...

Ou talvez transformar fruta e legumes em puré bebível para pessoas atarefadas a caminho de empregos que realmente importavam.

A dona do apartamento em que ele se encontrava naquele momento, Elena, tinha um emprego a sério e uma vida que parecia muito adulta comparada com a de Kip. Era engenheira de cibersegurança na Equinox Tech, uma das empresas de Tecnologia da Informação de mais rápido crescimento no país. Kip não sabia exatamente o que fazia uma engenheira de cibersegurança, mas parecia pagar muito bem e soava impressionante.

Elena era, sem dúvida, a pessoa mais inteligente que Kip conhecia. Além de ser brilhante e divertida, era também deslumbrantemente bonita — uma combinação invulgar da altura e estrutura óssea norueguesa do pai, com o cabelo escuro e a pele morena de ascendência libanesa da mãe.

A amizade de ambos, durante o secundário, ajudara Kip a perceber que não tinha interesse sexual por mulheres. Porque se ele não estava interessado *nela*, bem...

Enfim, Elena provavelmente já sabia que ele era gay antes de ele próprio saber. Ela sabia sempre tudo antes dele.

— Precisas de um colega de apartamento? — perguntou Kip, afastando-se das janelas.

— Não — respondeu ela. — Nunca.

Sentaram-se no sofá para comer comida de Sichuan (Elena *não* cozinhava). Kip mal tinha dado a primeira garfada quando Elena disse casualmente:

— Então. Quem é ele?

Os noodles escaparam-lhe dos pauzinhos e escorregaram de volta para a caixa de onde tinham saído.

— O quê? Quem? Como assim?

— Tens estado com um ar sonhador a noite toda. Em quem estás a pensar?

As faces de Kip coraram. Ele remexeu os noodles.

— Ninguém.

— Christopher. — Elena gostava de usar o seu nome verdadeiro quando ele a deixava esgotada.

— Vais rir-te.

— Isso não parece meu.

Kip sorriu.

— É só... sabes quem é o Scott Hunter?

— Se eu sei quem é o Scott Hunter? Não o conheço pessoalmente, não.

— Mas já ouviste falar dele, certo?

— Sim.

— Okay. Ele tem ido à loja.

— À loja de smoothies?

— Sim. Nos últimos dois dias. Para dar sorte, diz ele, porque jogou super bem depois de ter bebido um smoothie ontem de manhã. Então, hoje voltou e pediu outro porque joga novamente esta noite.

— Okay.

— Ele é ... muito atraente, só isso.

Os lábios de Elena torceram-se ligeiramente, mas ela não riu.

— Isso é excitante.

— Sim.

Continuaram a comer em silêncio.

E Kip, que aparentemente *não* conseguia manter a calma, conteve-se apenas um minuto antes de soltar:

— Ele sabe o meu nome.

Elena ergueu uma sobrancelha.

— Ele disse «Bom dia, Kip» quando entrou hoje — acrescentou Kip, tentando, embora sem conseguir, controlar o sorriso idiota que lhe surgia no rosto.

— Isso deve ter sido emocionante.

— Sim, e, hum, ele disse que espera ver-me de novo. Sabes, tipo, se o smoothie funcionar, ou seja lá o que ele insinuou.

— O smoothie mágico do hóquei?

— Para de gozar comigo.

— Não estou a gozar! E vou-te dizer outra coisa: vamos ver esse jogo de hóquei esta noite.



Kip estava embaraçosamente nervoso a ver o jogo de hóquei. Com cada pancada que Scott levava, Kip estremeceu. Com cada remate que Scott lançava à baliza, Kip prendia a respiração. Queria que aquele jogo corresse bem para Hunter, e não valia a pena enganar-se a si próprio sobre o motivo.

No final da primeira parte, o jogo seguia empatado 1-1.

Scott parou a caminho do balneário para uma entrevista rápida. Tirou o capacete, e o cabelo húmido estava espetado em todas as direções. O coração de Kip bateu mais depressa. Scott estava encharcado de suor, ainda mais do que quando entrara na loja depois das suas corridas. Kip conseguia ver o brilho a escorrer-lhe pelo pescoço, seguindo até à gola vermelha da sua camisola.

Scott dizia palavras sobre defesa forte e trabalho em equipa. A sua boca perfeita pairava acima do microfone, os olhos azuis não encaravam nem a câmara nem o entrevistador. Era como se mal estivesse presente naquela entrevista, mas sim em qualquer outro lugar onde preferisse estar naquele momento.

— Ele é definitivamente atraente — disse Elena.

— Sim... — suspirou Kip.

O jogo manteve-se equilibrado durante a segunda parte. Só na terceira, quando Scott marcou dois golos e fez uma assistência para o quarto golo é que os Admirals silenciaram os fãs na arena de Newark. Kip estava extasiado.

— Deus, ele é incrível. Aquele último golo, ele provavelmente lançou o disco a 160 quilómetros por hora, mas parecia em câmara lenta.

— Tem mãos talentosas — concordou Elena, com um ligeiro sorriso.

Ela pegou no telemóvel e escreveu qualquer coisa.

— O próximo jogo é no sábado à noite, em casa, contra Tampa Bay — disse. — Estás a trabalhar no sábado?

Kip gemeu.

— Foda-se! Preciso de estar... tenho de trocar de turno! Quem trabalha no sábado?

Ele pegou no próprio telemóvel e enviou uma mensagem a Maria:

Estás a trabalhar no sábado?

Kip

A resposta chegou um minuto depois.

Sim...

Maria

Posso trocar contigo?

Kip

Porquê?

Maria

Estou escalado para sexta. Vamos trocar. Por favor?

Kip

Isto é por causa do Scott Hunter?!

Maria

Kip sentiu-se parvo, mas ainda assim escreveu:

Talvez

Kip

Céus, Kip.

Maria

POR FAVOR?!

Kip

Está bem.

Maria

Houve uma pausa, e ela acrescentou:

Vais trabalhar com o Jeff.

Maria

Argh. O Jeff era do pior. Muito preguiçoso e basicamente pedrado o tempo todo. Kip nem conseguia acreditar que ele ainda trabalhava lá.

Mas valeria a pena, porque quando o jogo terminou, o resultado era 6-2 a favor dos Admirals. O que significava que Scott ia aparecer no sábado, com toda a certeza.

Provavelmente com toda a certeza.

Quase certamente com toda a certeza.



Capítulo Dois



Kip talvez tenha acordado um pouco mais cedo no sábado para ter mais algum cuidado com a sua aparência.

Não havia nada que pudesse fazer em relação ao uniforme, mas pelo menos garantiu que as suas melhores calças de ganga estavam lavadas e decidiu calçar os ténis novos e cheios de estilo que tinha comprado umas semanas antes e que não tinha *mesmo* condições financeiras para comprar, mas aos quais não conseguira resistir.

Até se dera ao trabalho de arranjar um pouco o cabelo, apesar de saber que teria de enfiar o estúpido boné na cabeça. Usou fio dentário. Enfiou umas pastilhas de menta no bolso para disfarçar o inevitável hálito a café.

Chegou à loja dez minutos mais cedo, depois de um trajeto relativamente tranquilo, e não ficou nada surpreendido ao ver que era o primeiro a chegar. Começou a trabalhar na preparação, tendo especial cuidado em garantir que tinham prontos todos os ingredientes para o smoothie Blue Moon Over Brooklyn do Scott.

Vinte minutos depois de a loja abrir, às seis, Kip continuava sozinho. Mais uma vez, não era uma grande surpresa, tendo em conta que era Jeff quem estava escalado para trabalhar com ele, mas ainda assim era enervante.

Às seis e meia, o telefone tocou; Jeff estava a ligar para dizer que estava «doente». Kip nem conseguiu reunir energia para ficar zangado, sobretudo porque isso podia significar estar completamente sozinho na loja quando Scott...

Estás demasiado entusiasmado com a possibilidade de uma interação de dois minutos com um homem que não está minimamente interessado em ti, Kip.



Os sábados eram sempre muito mais calmos do que os dias de semana. A manhã arrastou-se, com apenas alguns clientes ocasionais a quebrar a monotonia.

Kip acabou por pegar no telemóvel e, claro, ler artigos antigos sobre Scott Hunter.

Havia muitos. A maioria repetia a mesma informação: Scott tinha nascido e crescido em Rochester e sempre fora o melhor jogador de qualquer equipa em que jogara, desde a adolescência. Os artigos destacavam frequentemente a sua dedicação generosa a instituições de caridade, especialmente às que ajudavam crianças doentes, e descreviam-no como um modelo exemplar dentro e fora do gelo.

A outra coisa que os artigos mencionavam *sempre* era que Scott Hunter era um dos solteiros mais cobiçados de Nova Iorque. Nunca tinha sido associado a nenhuma mulher por um período significativo (olha que interessante) e tendia a esquivar-se a qualquer pergunta sobre a sua vida privada (ainda mais interessante).

Kip estava ocupado a guardar as fotografias do artigo da *GQ* sobre Scott no telemóvel quando a porta se abriu. Enfiou o telemóvel à pressa no bolso quando Scott Hunter entrou na loja.

Seria ridículo dizer que o rosto dele se iluminou ao ver Kip, mas... foi *exatamente* isso que pareceu acontecer.

— Kip! — disse ele, com um sorriso encantado a espalhar-se-lhe pelo rosto ainda brilhante de suor. — Estava com receio que hoje não estivesses a trabalhar.

— Estavas? — perguntou Kip, demasiado surpreendido para dizer algo mais inteligente.

— Quero dizer... — Scott Hunter parecia *envergonhado*? — Gosto de manter o máximo de coisas iguais na minha rotina, e tu fizeste os outros dois smoothies, por isso...

— Deve haver qualquer coisa na forma como eu os faço — disse Kip, tentando corajosamente esboçar um sorriso insinuante.

— Deve, sim.

Kip juntou os ingredientes e começou a deixá-los cair no liquidificador.

— Vi o jogo na outra noite — disse. — Aquele último golo foi qualquer coisa.

— Obrigado. — Scott soou como se apreciasse mesmo o comentário. — Estava com um bom pressentimento em relação a esse.

Sorriu para Kip, cuja boca ficou imediatamente seca. Kip ligou o liquidificador antes que dissesse alguma coisa estúpida como: *A que é que sabem os teus abdominais?*

— Estás sozinho hoje? — perguntou Scott, quando Kip lhe entregou o seu smoothie habitual.

— Sim, hum... era suposto estar a trabalhar com outra pessoa, mas ele ligou a dizer que estava doente. Não acho que esteja mesmo doente. Ele é meio inútil. — Kip encolheu-se por dentro ao dizer aquilo. *Como se o Scott Hunter quisesse saber alguma coisa sobre os teus colegas de trabalho.*

— Lamento ouvir isso. Já tive colegas de equipa assim — disse Scott.

Kip riu-se, porque Scott Hunter estava mesmo a comparar as duas realidades profissionais deles?

— Importas-te que, hum, eu beba isto aqui? — perguntou Scott, como se não houvesse mesas e cadeiras mesmo ao lado dele. — Eu só... tenho alguns e-mails para ler. — Tirou o telemóvel do bolso e abanou-o no ar.

— Claro! — respondeu Kip, incapaz de acreditar na própria sorte.

Scott sentou-se numa das pequenas mesas de bistrô, de costas para a porta (e de frente para Kip). Kip esforçou-se para não ficar embaçado a olhar para ele enquanto Scott percorria os e-mails no telemóvel, dando de vez em quando um gole no smoothie azul. Estava a bebê-lo muito devagar, ao que parecia.

Passados 15 minutos, Kip deixou o seu posto atrás do balcão e foi limpar mesas que não precisavam minimamente de ser limpas.

Quando chegou à mesa ao lado da de Scott, arriscou e quebrou o silêncio.

— Tens a certeza de que isto não vai estragar o teu jogo? Quebrar a rotina assim?

— O quê? Ah, não. Não preciso de fazer sempre *tudo* da mesma forma. Quero dizer, não sou *assim* tão obsessivo.

— Claro — disse Kip, com um leve sorriso enviesado.

Scott sorriu e até chegou a rir-se.

— Devo parecer estranho, não? A agir como se este smoothie fosse uma poção mágica ou algo do género.

Kip encolheu os ombros.

— Já li sobre atletas. Vocês são todos malucos, não é? Vestem o equipamento sempre da mesma maneira, não trocam de meias, não fazem a barba...

Scott apontou-lhe um dedo acusador.

— Ei, só nos playoffs, e isso é uma tradição ancestral!

— Totalmente normal, então.

Kip não conseguia acreditar no que estava prestes a fazer, mas tinha de testar o terreno. Só um bocadinho.

— Não estou a dizer que me importo — comentou, da forma mais casual que conseguiu. — Vocês parecem sempre tão robustos quando chega a hora de levantar a taça. Como um grupo de lenhadores irresistíveis.

Pronto. Estava dito.

Scott olhou para ele, e Kip podia jurar que o esboço de um sorriso lhe passou pelos lábios.

Mas, então, Scott levantou-se de repente, e o sorriso desapareceu.

— Bem, acho que está na hora de ir andando.

Kip queria *morrer*. Tinha acabado de se atirar ao Scott *Hunter* e agora ele ia-se embora para sempre porque... Mas que *raio*, Grady?

— Obrigado, outra vez, Kip — disse Scott. Foi mais simpático do que Kip merecia.

Mas, quando chegou à porta, parou e voltou-se.

— Gostavas de ir ao jogo esta noite?

— O quê?

— Ninguém vai usar os meus bilhetes. Posso dar-te dois, para lebares... alguém... se quiseres.

— Estás a falar a sério?

— Porque não estaria?

Kip deu por si boquiaberto diante da celebridade absurdamente deslumbrante que ocupava a porta da loja e que lhe estava a oferecer um presente sem motivo nenhum.

— Se tens a certeza, adorava ir!

— *Tenho* a certeza, e fico contente por ouvi-lo. Basta dizeres o teu nome na bilheteira.

— Okay. Então, vejo-te logo à noite — disse Kip, *como um idiota*.

Scott limitou-se a sorrir e a sair.



Kip não devia estar minimamente surpreendido por os lugares pessoais de Scott Hunter serem *fenomenais*. Seis filas acima do gelo, na linha azul, mesmo de frente para o banco da equipa da casa. Simplesmente irreal.

— Merda — disse Elena. — Sei que a Equinox tem um camarote aqui, mas estes lugares são muito melhores.

— Não acredito que estamos aqui. Não acredito que estamos a usar os bilhetes do *Scott Hunter!*

— Não deixa de ser um encontro estranho. Estás aqui com uma mulher, e ele está a trabalhar.

— *Não* é um encontro.

— Ele deve dar bilhetes a todos os funcionários de lojas de smoothies.

Kip tinha tentado não pensar demasiado no motivo pelo qual Scott lhe tinha oferecido os bilhetes.

— Ele só me está a agradecer porque acha que eu sou, de alguma forma, responsável pela fase incrível em que ele está. Como eu disse, ele é maluco.

— Maluco por *ti*, talvez.

— Não sejas parva.

— Kip — disse ela, pousando a cerveja no suporte do copo. — Tu *sabes* o aspeto que tens, não sabes?

— O que é que tu...?

— Tu és atraente, Grady. Extremamente atraente.

— Eu sou... aceitável.

— Não, ouve-me bem. Tu és ridiculamente bonito. Achas que fico feliz por tu seres gay? Não fico.

Kip revirou os olhos.

— Oh, até parece. Além disso — baixou a voz para um sussurro, inclinando-se para ela —, ainda não sabemos se o Hunter joga... na minha equipa.

— Não sabemos?

— Não! Quero dizer... eu tenho apanhado umas dicas que talvez...

— Como estarmos sentados nos lugares pessoais dele porque ele te deu *pessoalmente* estes bilhetes *pessoais* quando te foi visitar ao trabalho pela terceira vez esta semana?

Kip estava agora a corar.

— Ele é só supersticioso. É só isso — murmurou.

Os jogadores entraram no gelo para o aquecimento. Kip observou-os a patinar, a ajoelhar-se no gelo para alongar, a revezarem-se em remates fáceis para os guarda-redes. Tentou, sem sucesso, não prestar atenção a mais ao número 21, Scott Hunter. O homem estava a fazer um alongamento profundo dos tendões das coxas, que evidenciava a sua flexibilidade. Kip imaginou como aquela posição poderia parecer sem as calças de hóquei altamente almofadadas.

O seu cérebro, com falta de sexo, levou-o numa viagem maravilhosa durante alguns minutos, e Kip ficou tão distraído que quase não reparou quando Hunter passou a patinar junto ao vidro à frente deles — parecia ter saído diretamente de um cartaz promocional, com o equipamento impecável em vermelho, branco e azul — e lhe fez um aceno de cabeça.

Não. Não para mim. Deve ter sido para alguém sentado atrás de mim.

Kip virou a cabeça. Não havia ninguém sentado atrás dele. Nem à frente. Huh.

O aquecimento terminou, as Zambonis entraram para limpar o gelo e, depois, começou o espetáculo que era o pré-jogo. As luzes apagaram-se e vídeos dos Admirals em ação foram projetados no gelo, enquanto música rock ecoava pelo pavilhão. Havia gelo seco e pirotecnia e, quando os jogadores irromperam para o gelo, o ambiente alcançou um nível febril.

Dois coisas atingiram Kip: Scott Hunter era uma grande estrela. Tipo, *mesmo* grande. Um atleta superstar gigantesco, e esta cidade *adorava-o*. Parecia que metade da multidão estava a usar a camisola dele. E quando o nome de Scott foi anunciado como o centro titular do jogo, a multidão tornou-se ensurdecadora. Ele não era apenas um gajo que gostava de smoothies de mirtilo e era simpático para com os funcionários da loja que os faziam. Este tipo *era* Nova Iorque.

E Kip estava ali como convidado dele.

Foda-se.

A outra coisa que o impressionou foi o enorme respeito que Scott inspirava nos colegas de equipa. Kip conseguia ver como os jogadores mais novos se iluminavam quando ele lhes dava uma palmada no ombro e os elogiava por uma boa jogada. Até os árbitros pareciam gostar dele, dando-lhe pequenos toques no cotovelo depois de lhe explicarem uma decisão disciplinar.

O jogo foi incrível. Scott foi incrível. Não só marcou um golo em cada parte e fez uma assistência para outro, como também levou a multidão ao rubro quando derrubou um ala de Tampa perto da linha central com uma enorme colisão de anca. Kip ficou especialmente impressionado quando Scott impediu uma luta antes mesmo de esta começar acalmando o colega de equipa com uma mão firme no braço e palavras que Kip gostava de ter ouvido.

Era inegavelmente sexy ver Scott exibir tanta habilidade e autoridade ao longo do jogo. Ele foi espetacular.

— Isto foi tão bom, tão incrível! — comentou Kip, demasiado alto, enquanto se dirigiam para o metro depois do jogo. — Quero ir a outro! Quero ir a todos!

— Bem, vais ter de esperar, superfã — disse Elena. — Os Admirals vão estar fora nas próximas duas semanas.

Kip não devia ter ficado tão devastado com aquela notícia. De repente, a ideia de trabalhar um turno inteiro sem ver Scott pareceu-lhe insuportável.

Nessa noite, já em casa, deitado na cama, não conseguiu deixar de se perguntar se Scott estaria minimamente descontente por ir para fora, longe da sua rotina segura.

Estava a ser estúpido. Scott era um jogador profissional de hóquei e *não* ia sentir falta dos seus smoothies parvos enquanto estivesse em viagem. Kip suspirou e resignou-se à ideia de pelo menos duas semanas de turnos sem Scott Hunter.



Capítulo Três



Scott observou a ilha de Manhattan a desaparecer à medida que o avião atravessava as nuvens espessas que tinham mantido a cidade encoberta durante dias.

Sentia-se estranho, embora não soubesse porquê. Não tinha nada que ver com o seu jogo, pois estava a jogar melhor do que nunca. A equipa estava numa série de vitórias e nenhum jogador sofrera lesões graves. Além disso, o jato privado levava-os para Phoenix, o que significava uma pausa bem-vinda do frio cortante de janeiro em Nova Iorque.

Pelo menos, o seu agente estava novamente satisfeito. Algumas semanas antes, Scott tinha recebido uma chamada bastante alarmada de Todd Wheeler, o homem que o representava desde os tempos do hóquei universitário.

— Estamos mesmo metidos em sarilhos — dissera Todd. — Os patrocinadores não estão a gostar do que estão a ver. A Gillette já disse que não vai renovar para o ano. Até a Under Armour está nervosa. A porra da *Under Armour*, Scott! Não podemos perdê-los!

Se o objetivo daquela conversa fora motivar Scott, não tinha surtido efeito. Não era como se Scott não soubesse que estava a jogar pessimamente, ou como se estivesse satisfeito com isso.

— Acredita, Todd — dissera ele. — Ninguém está mais desiludido comigo do que eu próprio.

Mas, no dia anterior Scott recebera uma chamada bastante diferente.

— Seja lá o que tenhas feito para recuperar o teu jogo, continua a fazê-lo! — dissera Todd, num tom visivelmente aliviado.

Exceto que Scott não podia continuar a fazê-lo. Ia estar fora durante duas semanas, a jogar maioritariamente contra equipas da Conferência Oeste. Os Admirals tinham sete jogos marcados, terminando com um em Toronto, antes de regressarem a casa. Scott nunca se importara de jogar fora. Gostava dos colegas de equipa e não tinha medo de voar, como alguns deles. Além disso, ao contrário da maioria da equipa, não tinha mulher nem filhos que se visse obrigado a deixar para trás.

Mas, pela primeira vez na sua carreira, Scott sentiu — de forma absurda — que estava a deixar alguém para trás.

O companheiro de lugar de Scott, e um dos capitães adjuntos da equipa, Carter Vaughan, estava particularmente entusiasmado com a paragem em Los Angeles. Andava a sair com Gloria Grey, uma atriz de televisão muito famosa — e extremamente atraente — há alguns meses.

— Nada sério — insistira Carter da última vez que Scott lhe perguntara por ela. — Apenas duas pessoas bonitas e tranquilas a aproveitar a companhia uma da outra sempre que estão na mesma cidade.

Scott achava que podia ser mais do que isso, mas não disse nada. Era a última pessoa que devia meter o nariz na vida amorosa dos outros.

Carter já tinha os auscultadores postos. Como não havia nada para ver pela janela, Scott tirou o livro da mochila. Era um romance de espionagem bastante parvo, mas servia para matar o tempo.

Scott tentou ler, mas a sua mente não parava quieta. Insistia em trazer-lhe à cabeça a imagem de um empregado da loja de smoothies encantador, com uns olhos cor de avelã impressionantes e o sorriso mais querido do mundo...

Virou a cabeça para que Carter não reparasse no sorriso parvo que lhe tinha surgido no rosto.

Ele tinha ido ao jogo na noite anterior. O Kip. Scott acenara-lhe com a cabeça, mas Kip não tinha reagido. Talvez não tivesse visto. Talvez tivesse achado a atitude de Scott estranha.

De qualquer forma, tinha-o deixado absurdamente feliz vê-lo sentado naquela arena. Ainda mais feliz por perceber que ele levava uma *amiga*, porque Kip tinha dado a entender que se sentia atraído por homens. Pelo menos, Scott tinha quase a certeza de que fora isso que acontecera. Ele era terrivelmente incompetente a entender flirt.

Franziu o sobrolho. Kip podia ser bissexual. Talvez aquela mulher que estava com ele fosse a namorada. Ela era, de facto, bonita o suficiente para isso.

Scott não era bissexual. O que o mundo não sabia era que também não era heterossexual. Sabia que era gay há muito tempo. Desde os juniores, na verdade. Tivera uma paixoneta horrível por um colega de equipa, uma paixão que tinha a certeza de não ser correspondida. E mesmo que fosse, sabia que Jacob nunca faria nada a respeito disso. Nunca o admitiria. Tentar alguma coisa com ele só lhe teria rendido um olho negro — ou pior. Podia ter-lhe custado a carreira se alguém descobrisse. Porque jogadores de hóquei não eram gays. Nenhum jogador da NHL *era* gay.

Scott sabia, agora que era mais velho e mais lúcido, que isso não podia ser verdade. Mas não mudava o facto de nunca ter havido um jogador da liga assumidamente gay, ou sequer assumidamente bissexual. Os jogadores da NHL casavam cedo, tinham uma carrada de filhos e levavam a família para a casa de férias no verão. Jogavam golfe, bebiam, jogavam póquer, comiam bifés, iam a clubes de strip, dormiam com groupies do hóquei e usavam palavras como *paneleiro* e *queer* com uma facilidade assustadora.

Por isso, Scott mantinha a sua vida amorosa para si. Ou a ausência dela.

Já era difícil o suficiente ser discreto quando se era apenas uma pessoa qualquer. Tornava-se infinitamente mais difícil quando se era um atleta superestrela. Scott não podia ir para a Internet e engatar homens aleatórios; teria sempre medo de que algum deles falasse com a imprensa. Sentia o mesmo em relação a trabalhadores do sexo. Evitava bares gays e discotecas; não que achasse que esse tipo de ambiente fosse muito a sua praia, de qualquer forma. Era um péssimo dançarino.

A maior parte dos seus encontros sexuais acontecia durante o verão. Ia para lugares exóticos onde ninguém fazia a mínima ideia de nada relacionado com hóquei. Itália, Espanha, Brasil, Grécia. Lugares onde ele era apenas mais um, entre muitos homens jovens e em boa forma, à procura da mesma coisa.

O verão tinha sido há muito, muito tempo.

O que Scott não fazia — o que nunca, jamais fazia — era flirtar com empregados de lojas em Manhattan. Porque isso seria estúpido, descuidado e não valeria de todo o risco. Nunca daria a entender que se sentia atraído por homens. Scott tinha-se tornado muito bom a esconder esse facto; afinal, tivera anos de prática.

Mas havia qualquer coisa em relação a Kip.

Scott nem conseguia dar-lhe um nome. Obviamente que ele era bonito (*mesmo incrivelmente lindo, Scott, vá lá*), com aquelas covinhas e aqueles

olhos. No jogo da noite anterior, Scott tinha finalmente conseguido vê-lo sem o boné e o avental. Gostava de o ver muito mais de perto, um dia destes.

Jesus.

Sim, ele era atraente. Muitos homens em Nova Iorque eram atraentes. Por amor de Deus, muitos homens da *equipa* de Scott eram atraentes. Portanto, isso não explicava tudo.

Havia simplesmente qualquer coisa nele. Scott queria falar com ele durante horas, descobrir tudo sobre ele. Mostrar-lhe tudo. *Dar-lhe* tudo.

O motivo para voltar à loja nos dias de jogo não era um pretexto. Ele acreditava sinceramente que era importante manter rotinas quando as coisas estavam a correr bem. Tinha estado a jogar o pior hóquei da sua carreira antes de entrar naquela loja e Kip lhe servir aquele smoothie — e desde então estava em chamas.

Em mais do que um sentido, se fosse honesto consigo próprio.



— Olha quem é ele.

— Olá, pai — disse Kip, enquanto ia ao armário buscar a caixa de cereais. Era o seu dia de folga, o que significava uma rara manhã em casa.

— Nunca te perguntei como foi o jogo da outra noite — disse o pai.

— Foi incrível. — Kip sorriu para si próprio ao dizê-lo. — Mesmo.

O pai bebeu um gole de café e observou Kip, sentado à pequena mesa da cozinha.

— Foi muito simpático da parte do Scott Hunter dar-te aqueles bilhetes.

— Foi.

— Não acho que haja uma única pessoa em Brooklyn a quem a tua mãe ainda não tenha contado isso.

— Meu Deus, não é nada de especial.

— Não temos assim tanta emoção na nossa vida — disse o pai, sorrindo.

Kip sentou-se à mesa redonda onde tomava o pequeno-almoço desde sempre. Amava os pais. Amava aquela casa. Mas também queria desesperadamente sair dali e ter algo só seu.

— E a Elena, como está? — perguntou o pai.

— Ótima. Sabes, completamente impressionante em todos os sentidos.

— Não há vagas para ti na Equinox Tech?

— O que é que eu iria fazer na Equinox? Sou só um nerd de História, como o meu velho pai.

— Bem, e os New York Admirals? Não estão a contratar?

— Sim, historiador da equipa.

O pai riu-se e recostou-se na cadeira.

— Então, esta coisa com o Scott Hunter...

— Não há *coisa* nenhuma com o Scott Hunter.

— Está bem... — disse o pai naquele tom cantarolado de *tudo bem, não é nada comigo*.

— A sério, ele só... acha que os smoothies parvos que eu faço lhe dão sorte ou qualquer coisa assim. Não tem nada que ver comigo.

— A tua mãe vai ficar muito desiludida ao saber disso.

Kip revirou os olhos, mas sorriu.

— Acho que a Megan vem cá jantar hoje — disse o pai. — E o Andrew também.

— Oh. Fixe. — Megan era a irmã mais velha de Kip, e Andrew era o namorado dela. Viviam juntos em Williamsburg.

Sempre que Megan vinha a casa, fosse qual fosse o motivo, isso lembrava Kip de que ela tinha de *vir* a casa. Era quase quatro anos mais velha do que ele, mas mesmo assim...

— Estás a pensar ficar por cá esta noite? — perguntou o pai.

— Claro — disse Kip, forçando mais um sorriso. — Onde é que eu havia de ir?



Scott deixou-se escorregar contra a parede da sauna, exausto e frustrado. Deviam ter ganho o jogo.

Tinham posto o guarda-redes suplente, um miúdo sueco chamado Tommy Andersson, e tinha corrido mal. Mas a culpa não era de Andersson. Ninguém o tinha ajudado.

Scott passou as mãos pelo rosto coberto de suor e pelo cabelo húmido.

Ele próprio nem sequer tinha aparecido no jogo. Tinha sido um esforço miserável de toda a equipa, num jogo que devia ter sido uma vitória fácil.

O treinador Murdock já os tinha feito sentir-se uma vergonha. Entrara no balneário, abanara a cabeça e saíra — pior do que levar um berro.

Ninguém entrou na sauna para chatear Scott. Sabiam que não era boa ideia.

Ele suspirou e levantou-se, apertando a toalha à volta da cintura. Precisava de um duche. E de algo para beber.

Entrou na zona de descanso ainda só de toalha e tirou uma garrafa de água do frigorífico. Bebeu-a de um trago só e depois virou-se, vendo Greg Huff sentado ao balcão atrás dele.

— Bem, aquilo foi uma bela merda — disse Huff.

— Nem me digas nada — respondeu Scott. — Nem sei o que dizer.

— Quer dizer, eu não sou o capitão, mas talvez algo do género: «Ei, seus otários. Parem de jogar um hóquei de merda.» Ou algo assim.

Scott sorriu um pouco.

— Era mais ou menos isso que eu estava a pensar.

— Coitado do Andersson, pá. Tenho pena daquele miúdo.

— Pois... — disse Scott, olhando na direção do balneário. — Como é que ele está?

— Ótimo. Como *achas* que ele está?

— Eu falo com ele. *Tu* estás safo. Marcaste o nosso único golo da noite. E foi um belo golo.

Huff fez-lhe uma saudação preguiçosa.

— É para isso que eu sirvo.

Era verdade. Greg Huff era um dos melhores atiradores da liga. Tinha uma pontaria incrível e tinha sido superestrela da NHL durante oito épocas consecutivas à conta disso.

Scott pegou num Gatorade do frigorífico. Huff estendeu as mãos, e Scott atirou-lhe um também.

— Vou tomar um duche — disse Scott. — Mas diz ao Andersson para ficar por aqui, está bem?

— Na boa.

Se Scott pudesse ter uma equipa inteira de Greg Huffs, ficaria radiante. Greg era um tipo fiável, íntegro, e uma presença enorme na equipa, dentro e fora do gelo. Não era o jogador mais vistoso nem o maior de todos, mas era um contributo importante para o grupo.

Scott encaminhou-se para o chuveiro. Alguns dos colegas já lá estavam. A maior parte da equipa já tinha tomado banho e estava a preparar-se para voltar para o hotel em San Jose.

Um dos tipos no chuveiro era Frank Zullo. Era o único jogador da equipa de quem Scott simplesmente não gostava. Era um excelente defesa, sem dúvida: grande, forte e um lutador brutal quando era necessário. Mas também era um bully e, na verdade, um pouco creepy. Havia muitos tipos como Zullo na NHL.

Scott abriu um pouco mais a água quente, deixando que esta lavasse o jogo terrível. Na manhã seguinte, voariam para Chicago. Teriam uma noite livre, depois um jogo à tarde. Em seguida, um voo curto até Toronto para o jogo da noite seguinte, e depois estariam de regresso a Nova Iorque.

Saiu do chuveiro e foi para os cacifos. Vestiu uns calções e uma t-shirt e foi procurar Andersson no balneário. O jovem guarda-redes estava a arrumar o equipamento, com um ar miserável.

— Ei — chamou Scott, sentando-se no banco ao lado da enorme mala de equipamento de Andersson. — Lamento não termos ajudado esta noite.

Andersson soltou uma risada irritada.

— Fiz merda — disse, no seu inglês fortemente acentuado.

— Todos nós fizemos merda.

— Parecia um completo idiota lá fora.

— O Murdock tomou a decisão certa ao pôr-te em jogo — disse Scott. — Não te culpo nem um pouco. Culpo os outros, todos nós. É só psicológico. Pôr o guarda-redes suplente deixa-nos presunçosos, suponho. Tipo, o treinador pensou que este jogo seria fácil, então todos nós acreditámos nisso, e depois...

— Depois eu pareço um completo idiota.

Scott inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento.

— Todos nós vamos estar a reviver os nossos erros, quando estivermos nas nossas camas. Ninguém nesta equipa está orgulhoso de si esta noite. Mas também ninguém te culpa. Preciso que saibas isso.

O jovem guarda-redes dirigiu-lhe um sorriso relutante.

— Obrigado — disse. — Vou para o hotel. Reviver alguns desses erros. E depois vou esquecer tudo e preparar-me para o próximo jogo.

— Bom rapaz. Estás no mesmo quarto que o Burke, certo? — perguntou Scott, só para manter a conversa enquanto saíam da sala.

— Sim.

— Lamento, meu. Boa sorte.

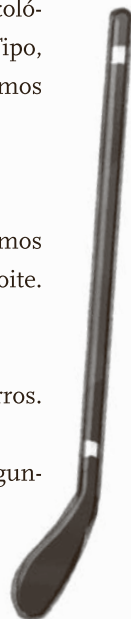
Tommy riu-se.

— Sim, obrigado. Faço de conta que não o percebo quando preciso que ele pare de falar.

Scott também se riu. O inglês de Tommy era excelente.

— Vou arrumar as minhas coisas — disse Scott. — Vejo-te amanhã, Tommy.

— Boa noite.





Kip vasculhou o pub cheio até avistar Shawn sentado sozinho numa pequena mesa. Shawn sorriu-lhe do outro lado da sala.

— Olá — disse Shawn, levantando-se e abraçando Kip quando este chegou à mesa. — Fico contente por teres conseguido vir.

— Tenho andado rodeado de demasiadas pessoas heterossexuais ultimamente — brincou Kip, soltando Shawn e sentando-se na cadeira de frente para ele.

Era o mesmo pub onde iam há anos, o Kingfisher. Mantinha aquele ambiente gasto e acolhedor típico de um pub inglês antigo, com madeira escura e luz ténue, e placas de cerveja nas paredes. Uma televisão ao fundo mostrava desporto local. À primeira vista, não se parecia nada com um bar gay, ou pelo menos não como a maioria das pessoas heterossexuais provavelmente imaginaria. Mas os homens sentavam-se um pouco mais perto uns dos outros e, na opinião de Kip, os bartenders eram um pouco mais atraentes. Adorava aquele sítio.

— Temos um empregado de mesa giro — disse Shawn. — Vais gostar dele.

— Ah, não consigo competir contigo.

Shawn abanou a cabeça e ergueu o copo de cerveja.

— Demasiado certinho para mim. É todo teu.

Shawn era um tipo complicado. Bonito, de pele escura, com olhos suaves e um sorriso caloroso. Também se vestia impecavelmente, parecendo sempre um modelo de catálogo da J.Crew.

Ele e Kip tinham tido uma relação casual na universidade. Nada de sério, mas ambos estavam curiosos para experimentar. Shawn, no entanto, tinha uma cena por bad boys. Apesar da sua aparência certinha, sempre se sentira atraído por homens com tatuagens e um ar um tanto perigoso. Kip era apenas um nerd ansioso por agradar, que não conseguia organizar a própria vida.

O empregado passou pela mesa deles, e Shawn não estava a brincar. Corpo atlético e esguio, cabelo loiro a cair-lhe para a cara — era exatamente o género de Kip.

Kip sorriu-lhe de forma provocadora ao fazer o pedido, porque não conseguia evitar. Recebeu um sorriso em troca, e o homem apresentou-se como Kyle.

Shawn riu-se depois de Kyle se afastar.

— Sempre tão suave, porra.

— Deve ser, deve — disse Kip. — Na maior parte do tempo sou um desastre.

— Nah, és todo charme. Aquele rapaz já está a pensar em dizer-te quando o turno dele acaba.

Kip olhou por cima do ombro em direção ao bar, onde Kyle estava à espera de um pedido, provavelmente o copo de cerveja de Kip.

— Bem...

— Mas, primeiro, temos de falar sobre uma coisa — disse Shawn.

— O quê?

— Estive a pensar naquela vez em que saímos com o Jimmy e o Chuck, na semana passada.

— Ai, sim? — Kip precisava mesmo daquela cerveja.

— Primeiro de tudo, sinto que talvez nos tenhamos juntado contra ti quando estávamos...

— A perguntar-me que merda estava a fazer da minha vida? — completou Kip.

— A *incentivar*-te a perseguir os teus sonhos.

— Certo.

Kyle, o maravilhoso anjo, aproximou-se da mesa com o copo de cerveja local de Kip. Ao inclinar-se para pousar o copo na mesa, aproveitou para pousar uma mão no ombro de Kip. Este sentiu as pontas dos dedos a roçarem-lhe a nuca.

— Diz-me se precisares de mais alguma coisa — ofereceu Kyle, com o duplo sentido perceptível para todos.

— Olha — disse Kip a Shawn, depois de apreciar o sorriso de despedida de Kyle —, sei que vocês só...

— Tenho uma proposta para ti — interrompeu Shawn.

Kip ergueu uma sobrancelha.

— Essas nunca acabaram particularmente bem antes.

— Uma proposta de *negócios*. E lembro-me de algumas dessas vezes anteriores que não correram nada mal.

Kip sorriu, olhando para a sua cerveja.

— Eu também.

— *Proponho* — começou Shawn — que te candidates a um emprego melhor.

Kip conteve o impulso de revirar os olhos.

— Tipo onde?

— Tenho um *amigo*...

— Um amigo, huh?

— Ele trabalha no Museu da Cidade de Nova Iorque.

Okay.

Agora Kip estava a prestar atenção.

— Ele disse-me que estão prestes a publicar uma vaga para assistente educativo. Sabes... alguém que ajude a organizar excursões escolares e afins. Ensinar aos miúdos tudo sobre a nossa incrível cidade.

Kip recostou-se na cadeira.

— Não tenho qualificações para isso.

Shawn olhou para ele de forma incisiva.

— Preciso de usar a minha voz de Elena?

— Não — resmungou Kip.

— Tu *vais* candidatar-te a este emprego, Kip Grady. E vais deslumbrá-los com o teu charme, com o teu amor pela história e com o facto de teres vivido aqui toda a tua vida.

— Nem vou conseguir uma entrevista!

— Vou ligar à Elena.

— Está bem. Ela não vai atender. Ela detesta telefonemas.

— Candidata-te ao emprego, Kip.

Kip suspirou. *Porque não, certo?*

— Okay. Vou candidatar-me. Obrigado por me avisares.

— Não tens de agradecer, idiota. Agora — Shawn recostou-se e fez um gesto dramático enquanto olhava à volta do bar —, que tal ires ver se o nosso amigo Kyle quer celebrar a tua nova e glamorosa carreira?

Desta vez Kip revirou *mesmo* os olhos.

— Não vou celebrar merda nenhuma. E... — Parou, porque não tinha a certeza do que queria dizer.

Estou de olho noutra pessoa neste momento. Provavelmente sabes quem é — é o capitão dos New York Admirals. Talvez te lembres dele da edição da People magazine, «50 Pessoas Mais Bonitas»? Sim, estou a ficar caidinho por ele. Ele é quase de certeza heterossexual. Mas vamos fazer figas!

Em vez disso, disse apenas:

— Acho que vou para casa mais cedo hoje. Mas vamos ver se conseguimos arranjar-te alguém.





— Não foi um charging, porra! Foi um hit! Isto é *hóquei*, seu cego do caral...

— Já chega. — Scott agarrou Zullo firmemente pelos dois braços e afastou-o do árbitro.

Zullo virou a cabeça e continuou a gritar.

— O que foi, não posso tocar em ninguém agora, foda-se? Isto já não é um desporto de contacto? Abre os olhos, foda-se, seu...

— Eu vou falar com ele. Vai para o banco de penalidades, Zullo.

Zullo abanou a cabeça. Carter deslizou até ele para ajudar a escoltá-lo até ao banco. Se Zullo continuasse a gritar, acabaria por receber uma penalidade por má conduta.

Scott patinou até ao árbitro.

— Charging, Hal? A sério?

— Estás a dizer-me que eu não sei fazer o meu trabalho, Hunter? Eu sei o que vi. — Hal Coleman, um dos árbitros favoritos de Scott, apenas lhe chegava ao peito, mas era duríssimo por baixo da calma. Inteligente também.

— Bem — começou Scott, olhando para a banco de penalidades agora ocupado por um furioso Frank Zullo —, não lhe faz mal arrefecer um pouco lá fora de qualquer forma.

— Ele é um amor — concordou Hal.

Scott olhou para o banco de Chicago.

— O Becker está bem?

— Vou ver como ele está. Parece que ainda está vivo. — Hal olhou para Scott com intenção. — Diz ao teu rapaz que se eu vir aquela merda outra vez, ele sai do jogo.

— Fica registado.

Hal foi para o banco de Chicago enquanto Scott se dirigiu ao banco de penalidades.

— Não consegui fazê-lo mudar de ideias — disse. — Apenas dois minutos para arrefecer e depois acabamos de desapontar a multidão em casa.

— Não foi charging. Nem pensar que foi o raio de um charging — atirou Zullo.

— Exceto pela parte em que cometeste um charging contra ele.

— Meu Deus, Hunter. Estás a falar a sério, foda-se? Estás a jogar por Chicago agora? O Becker deu-se ao luxo de mergulhar!

Scott já estava a deslizar de volta para o banco.

— Faz a pausa de dois minutos, Frank — gritou por cima do ombro.

Carter apanhou-o.

— Quanto é que eu tenho de pagar ao Hal para suspender o Zullo por alguns jogos?

— Anda lá — disse Scott secamente —, o Zullo é perfeitamente capaz de se suspender sozinho sem a tua ajuda.

— Psicopata de merda — murmurou Carter. — Ainda vamos ao Chicago Cut depois do jogo, certo? *Preciso* desses bifés.

— Sim, sim.

Hal soprou o apito para o face-off. Scott deslizou para o círculo na sua zona para o executar, lançando algumas palavras de incentivo ao guarda-redes enquanto passava pelo poste da baliza.

— Bom jogo, Benny!

— Não digas uma única palavra. Se me deres azar, dou cabo de ti.

Scott riu-se. Eric Bennett era tão calmo fora do gelo quanto possível, mas uma vez na baliza, era um competidor feroz como Scott nunca tinha visto.

Scott agachou-se no círculo e pôs o stick no gelo. Levantou o olhar para encontrar os olhos do adversário, um centro estrela de Chicago chamado Clarke.

— Se o Zullo fizer aquela merda outra vez — rosnou Clarke —, vou mandar o Harvey atrás dele.

— Meu, força nisso. Não sei porque farias isso ao Harvey, no entanto. — Scott sorriu.

— O Zullo é um merdas.

— Ora, ora. Se não consegues dizer nada de jeito...

Assim que Scott ganhou o face-off, saiu disparado para a zona da equipa adversária e recebeu um passe rápido de Carter. Lançou o disco à baliza e viu-o passar por cima do ombro do guarda-redes para um golo em desvantagem numérica.

Era bom ter recuperado o seu jogo, foda-se.

TUDO COMEÇOU QUANDO SCOTT E KIP VIRARAM O JOGO...



Quando um smoothie preparado por **KIP GRADY** muda a sua sorte no jogo, **SCOTT HUNTER**, astro do hóquei e capitão dos New York Admirals, fica ansioso por conhecer o homem lindo e sexy atrás do balcão.

A atração entre ambos é imediata e inegável. Mas à medida que a temporada lhe corre cada vez melhor e **SCOTT** se vê no centro das atenções, torna-se cada vez mais impossível manter esta relação em segredo.

KIP está pronto para se comprometer com **SCOTT**, mas será que este está preparado para assumir tudo e virar o jogo?



OTHER SIDE

é uma coleção **SECRET SOCIETY**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](#)
[@secretsocietypt](#)
[#seekthebutterfly](#)

ISBN: 978-989-589-886-2



9 789895 898862

